

A Atividade de Iniciação Científica na Academia da Força Aérea: pesquisa para quê?*

The Research Project Program at the Air Force Academy: way research?

La Actividad de Iniciación Científica en la Academia de la Fuerza Aérea: ¿investigación para qué?

Eliana Prado Carlino

Professora da Academia da Força Aérea (AFA)
Doutora em Educação pela UFSCar
ecarlino@bol.com.br

Adriano Rogério Bruno Tech

Ex Professor da Academia da Força Aérea (AFA)
Professor da USP
Doutor em Zootecnia pela USP
adriano.tech@usp.br
Pirassununga – SP

RESUMO

As atividades de monografia na Academia da Força Aérea (AFA) têm sofrido, ao longo do tempo, um processo de transformação, tanto em sua formalística quanto em suas intenções acadêmicas. No decorrer dessas mudanças, vem-se acompanhando, principalmente nos três últimos anos, um pouco das dificuldades vivenciadas na elaboração desses trabalhos, o que contribuiu para que se pensasse até mesmo em sua supressão do currículo de formação dos futuros oficiais da Força Aérea. Entretanto, ao levantar as principais dificuldades encontradas, vislumbrou-se a possibilidade de apontar novas perspectivas no que se refere ao processo de produção de conhecimentos na AFA, a fim de que todos os esforços subjacentes à atividade de pesquisa sejam valorizados independente das perspectivas teóricas, metodológicas ou epistemológicas assumidas.

Palavras-chave: Monografia. Pesquisa. Formação. Cadete.

Recebido / Received / Recebido
01/12/11

Aceito / Accepted / Acepto
27/02/12

* Este artigo é a extensão de um trabalho apresentado no I Encontro Pedagógico do Ensino Superior Militar (I EPESM), na categoria “relato de experiência”, em 2009.

ABSTRACT

The activities of a monograph of the Air Force Academy (AFA) have suffered, over time, a process of transformation, both in their formalistic and in their academic intentions. During these changes, there have been observed, specially in the last three years, some of the difficulties experienced in the preparation of this academic work, which has even helped to think over its suppression of the curriculum for the training of future Air Force Officers. However, while identifying the main difficulties, we believe in the possibility of appointing new perspectives regarding the process of knowledge production in the AFA, so that all the efforts related to the research activity be valued regardless of theoretical, methodological or epistemological perspectives adopted.

Keywords: Monograph. Research. Training. Cadet.

RESUMEN

Las actividades monográficas en la Academia de la Fuerza Aérea (AFA) han sufrido a lo largo del tiempo un proceso de transformación, tanto en su forma como en sus intenciones académicas. En el transcurso de estas mudanzas se ha acompañado principalmente, en los tres últimos años, algunas de las dificultades presentes en la elaboración de estos trabajos, lo que llevó incluso a pensar en su eliminación del currículo de formación de los futuros Oficiales de la Fuerza Aérea. Sin embargo, al plantear las principales dificultades descubiertas, se consideró la posibilidad de señalar nuevas perspectivas en lo referente al proceso de producción de conocimientos en la AFA, a fin de que todos los esfuerzos subyacentes a la actividad de investigación sean valoradas independientemente de las perspectivas teóricas, metodológicas o epistemológicas adoptadas.

Palabras-clave: Monografía. Investigación. Formación. Cadete.

INTRODUÇÃO

Os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), tão conhecidos no meio acadêmico, possuem um enfoque distinto na Academia da Força Aérea – AFA. Por ser uma organização militar, a Academia possui aspectos diferenciados em relação à confecção das monografias (ou TCCs) de outras instituições de ensino superior. Mesmo com essa diferenciação, a monografia é um dos requisitos para a conclusão do curso de Formação de Oficiais da Aeronáutica.

Durante muitos anos, esse trabalho esteve sob a responsabilidade da disciplina e dos professores de Língua Portuguesa, que cuidavam de sua realização e coordenavam sua apresentação numa banca, quando essas produções eram avaliadas. Não havia nessa instância, porém, uma grande preocupação com aspectos teórico-metodológicos dos trabalhos monográficos, descaracterizando-os como trabalhos de pesquisa no sentido mais acadêmico e científico.

A partir de 2004, com a implantação de um Curso de Administração no âmbito da formação dos futuros oficiais, as monografias passaram por um redimensionamento e foram atreladas ao estágio, exigindo desses trabalhos uma melhor articulação teórico-metodológica e melhor nível de argumentação.

A AFA, cujo principal objetivo é o desenvolvimento dos futuros líderes da Força Aérea, passou a oferecer aos cadetes do terceiro ano a possibilidade de fazerem

seu estágio dentro da própria organização militar, de acordo com as especificidades de sua formação – aviação, intendência e infantaria. Nesse período, visitavam as diferentes seções de trabalho no interior da própria Academia, com a supervisão de um professor e/ou de militares.

Num primeiro momento do estágio, os cadetes visitavam todas as seções de trabalho e, num segundo momento, optavam por uma determinada seção para um período de imersão nela. No entanto, o critério de escolha desse local para o desenvolvimento do estágio era baseado na classificação do aluno/cadete. Assim, nem sempre a seção na qual o estágio se produzia era uma escolha do aluno.

Desse modo, enquanto vinculados à atividade do estágio, os trabalhos de monografia não tinham temas livres, mas estes deveriam resultar da vivência na respectiva seção, ocasionando que o surgimento da temática a ser pesquisada não era necessariamente originado de uma questão que efetivamente instigava o cadete na busca por uma resposta — condição essencial para impulsionar um trabalho de investigação.

Neste caso, os trabalhos deveriam apresentar uma contribuição no sentido de descrever a seção, identificar necessidades e óbices e apontar melhorias que se fizessem necessárias. Procurava-se fazer isso com base nos conteúdos trabalhados em sala de aula, ressaltando a importância e a necessidade de um trabalho interdisciplinar.

Com essa nova configuração para o trabalho monográfico, não mais apenas os professores de Língua Portuguesa eram responsabilizados pela orientação e acompanhamento dos trabalhos, mas todo o quadro docente (em suas diferentes áreas de formação), o que aumentou as possibilidades de ampliação da perspectiva de análise dos temas abordados nos TCCs.

Porém, a partir de 2007, com um novo redimensionamento para o curso de Formação de Oficiais da Força Aérea, novas alterações ocorreram, e os trabalhos de conclusão de curso passaram a ser orientados por uma Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação, criada, entre outras atribuições, com a função de organizar, coordenar e disponibilizar os trabalhos e produções acadêmicas dos discentes e docentes.

Esse trabalho tem início no terceiro ano do Curso de Formação de Oficiais, e é finalizado no quarto ano, compondo sessenta tempos de disciplina dedicados a ele¹ - Monografia 1 e Monografia 2. Até meados de 2009, nos primeiros tempos de aula dedicados à monografia, a disciplina era apresentada aos cadetes, e eles recebiam um cadastro com registro de todos os possíveis orientadores e suas respectivas áreas de formação e interesses de pesquisa. Por meio desse material, eles tinham a liberdade de escolher a temática (desde que fosse relacionada à Força Aérea) e seus possíveis orientadores.

As novas mudanças possibilitaram aos cadetes escolherem os temas e áreas de seu interesse para desenvolverem suas pesquisas. Atualmente, ao finalizar esses trabalhos, eles são apresentados numa Jornada de Monografias a uma banca de professores e oficiais.

Vale ressaltar que, desde 2010, os trabalhos de monografia constam do Plano de Avaliação do curso, compondo o currículo do cadete. Há ainda um professor responsável por coordenar a realização e a entrega desses trabalhos.

Os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelos cadetes podem apresentar e sugerir propostas de melhoria ou aperfeiçoamento de processos, ou ainda problematizar temas e questões relacionados a uma amplitude de temáticas, como, por exemplo, ciências aeronáuticas, ciências militares, logística ou administração, além de temas relacionados a questões educacionais, aspectos didático-metodológicos, etc.

Destarte, a Academia da Força Aérea tem se sensibilizado para a importância dos TCCs ou monografias para a formação acadêmica e profissional do futuro oficial militar, inclusive porque o desenvolvimento das habilidades requeridas para a realização da monografia pode reunir qualidades

profissionais àquelas já desenvolvidas no processo de formação do cadete.

1 MONOGRAFIAS PARA QUÊ?

Apesar das transformações que vêm ocorrendo em relação à atividade de pesquisa, o fato de não haver na AFA uma cultura institucional que dê maior destaque à produção científica, particularmente, dificulta a compreensão do corpo discente sobre a importância e a necessidade de elaboração de um trabalho com caráter científico ao final de seu curso. Por conseguinte, a valorização da busca e da construção de novos conhecimentos, torna-se, para a maioria dos alunos, algo irrelevante e, portanto, dispensável.

É uma prática comum e obrigatória nas instituições de ensino superior a realização de trabalhos de pesquisa ao final dos cursos – seja como exercício preliminar ao desempenho de uma profissão, seja como amadurecimento intelectual, ou ainda, como aprendizado das habilidades requeridas pelo trabalho de investigação, o que demanda conhecimento de uma área de atuação. É do contexto de formação e de uma realidade profissional que, geralmente, se abstraem as questões que servirão como tema, problema ou tese do trabalho. Decorre daí que a problematização de um tema só pode ser feita a partir da capacidade de olhar criticamente a realidade e refletir sobre ela.

O trabalho de conclusão de curso, denominado “monografia”, passou, então, a ser requisito obrigatório com a implantação do curso de Administração na AFA, apesar de já existir, conforme apontado, com outra formalística e com outros objetivos.

Essa nova demanda de produção acadêmica trouxe aos cadetes várias dificuldades que passaremos a enumerar: uma delas é a delimitação do tema e do problema de pesquisa, que se resume em encontrar uma questão que se queira responder. Tem sido uma tarefa difícil aos alunos a compreensão de que “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas” (CHIZZOTTI, 1998, p. 11). Assim, ao olhar em nosso entorno, as questões para as quais buscamos respostas devem ser colocadas como questões para investigação – tarefa apenas aparentemente simples.

Outra dificuldade encontrada se refere à metodologia utilizada no trabalho, muitas vezes confundida com

¹ Os sessenta tempos da disciplina são distribuídos em trinta tempos para Monografia 1 durante o 3º ano e trinta tempos para Monografia 2, no 4º ano.

as técnicas ou os procedimentos da pesquisa. Nem sempre os alunos percebem que “a escolha do tipo de pesquisa e da abordagem a ser adotada tem como indicador o problema a ser pesquisado e requer por parte do pesquisador leitura especializada no campo da epistemologia e da metodologia científica” (OLIVEIRA, 2008, p. 311). Para esta tarefa são necessárias leituras que viabilizem este entendimento.

Definir um referencial teórico e articulá-lo à questão que se vai investigar, aos objetivos do trabalho e aos procedimentos metodológicos também parece outro ponto extremamente trabalhoso e de difícil compreensão, pois os dados ao serem analisados necessitam estar apoiados em determinados referenciais teóricos ou teorias, abordagens ou conceitos que se encontram na base do trabalho desenvolvido. Mais uma vez, não se define tal referencial sem um trabalho consistente de leituras e de reflexão.

Há ainda outra problemática que dificulta o encaminhamento do trabalho de forma satisfatória, ou seja, a compreensão, por parte dos alunos, do papel do orientador no acompanhamento da monografia. Ocorre, comumente, que o cadete procura pouco o seu orientador, não havendo um acompanhamento mais sistemático do que se apresenta como trabalho final.

Sabemos que, nos trabalhos de investigação realizados em instâncias de pós-graduação, principalmente mestrado e doutorado, o orientador é procurado pelo orientando quando este já está de posse de um projeto estruturado e razoavelmente aprofundado. Isto significa que muito já se avançou na construção da pesquisa, mesmo que a partir daí muito ainda seja preciso construir na problematização e aperfeiçoamento do trabalho proposto. Porém, esse não é o caso dos trabalhos produzidos ao final dos cursos de graduação, nos quais se espera uma intervenção muito mais aproximada por parte dos orientadores desde o início da confecção do trabalho, até mesmo porque o aluno está sendo iniciado nesse tipo de aprendizagem. Em nossa experiência, porém, longe de significar autonomia acadêmica dos nossos alunos, a não procura pelo orientador traduz uma não compreensão e não valorização do seu papel na atividade de pesquisa.

Concordamos com Severino, que ao observar o processo de orientação:

[...] deveria ser um processo que efetivasse uma relação essencialmente educativa. [...] Não se trata de um processo de ensinamento instrucional, de um conjunto de aulas particulares, mas de um diálogo em que as duas partes interagem, respeitando a autonomia e a personalidade de cada uma. (SEVERINO, 200, p.154)

As discussões sobre o conteúdo do trabalho e sua forma devem ocorrer ao longo da atividade, portanto,

o orientador é um dos principais, senão o principal, interlocutor posto para aquele que se inicia no trabalho de investigação. O orientador deve ser alguém com quem se deseja conversar, a fim de aumentar a coerência e a significância do trabalho em andamento. Entregar ao orientador a tarefa finalizada é, no mínimo, mostrar incapacidade para compreender a relevância de todo este encaminhamento e sua importância no próprio processo de formação profissional.

Deste modo, as dificuldades vivenciadas na elaboração dos trabalhos de monografias contribuíram para que se pensasse até mesmo em sua supressão do currículo de formação dos futuros oficiais da Força Aérea. Afinal, quais seriam as contribuições advindas de um trabalho de pesquisa nessa instância de formação?

2 ALGUM SENTIDO PARA OS TRABALHOS COM MONOGRAFIAS

Alguém que realize um trabalho bem articulado, que atenda aos critérios mínimos de uma produção que se pretenda científica, tem grande probabilidade de encaminhar investigações subsequentes, igualmente bem realizadas, com critérios e com rigor acadêmico.

Ainda que o oficial militar não intencione uma carreira de pesquisador (e nem é essa a intenção), não pode prescindir das aprendizagens subjacentes a um trabalho de pesquisa, entre elas, a capacidade de argumentação, de reflexão, e de aprender a pensar e a organizar seu pensamento – capacidades, entre outras tantas, necessárias ao exercício de suas atribuições. (CARLINO, 2009, p. 4 e 5)

Demo (2008, p.94), ao falar sobre a importância da pesquisa no ensino superior, acentua sua capacidade de propiciar um modo de pensar que favorece a intervenção na realidade. Segundo ele, “pode-se notar mais facilmente nos alunos que pesquisam como sua autonomia se desenvolve, à medida que o argumento de autoridade vai cedendo lugar para a autoridade do argumento”.

A partir de tais considerações, tornam-se menos relevantes, no caso estudado, as orientações a respeito da formalística do trabalho, o que pode ser encontrado em vários textos (CHIZZOTTI, 1998; SEVERINO, 2000; SILVA, 2004) ou mesmo em manuais que contêm, detalhadamente, tais prescrições.

Os alunos também dispõem, no seu primeiro ano de curso na AFA, de uma disciplina chamada Metodologia Científica, cuja importância é indiscutível, ainda que seu objetivo precípuo não seja preparar tecnicamente para o desenvolvimento de trabalhos científicos, pelo menos, não até o momento. A localização desta disciplina no início do curso (enquanto o trabalho de monografia é iniciado no segundo semestre do terceiro ano) pode

parecer para alguns um fator dificultador e, a princípio, nada impede seu remanejamento, o que já está sendo pensado; contudo, esta não parece ser a principal mudança necessária para minimizar os problemas que se apresentam.

Refletindo sobre as dificuldades vivenciadas no acompanhamento dessas pesquisas e a partir das queixas dos professores/orientadores e das várias dificuldades sentidas com os orientandos é que se pensou em problematizar essas questões apontando algumas perspectivas para os trabalhos com as monografias na Academia da Força Aérea.

Concorda-se com Silva (2004), quando afirma que muitos são os benefícios relacionados à realização dos trabalhos de monografia. Além de oferecer contribuições à ciência e ao próprio ensino, também são beneficiados o aluno, o orientador e a instituição na qual os trabalhos são realizados.

Para o aluno, o aprendizado torna-se significativo ao ter que, partindo de um olhar mais atento e criterioso sobre o seu contexto, focar um tema e abordá-lo com certa profundidade. Ao realizar este exercício, necessita examinar a realidade, abstrair dela questões que o instiguem a pesquisar e buscar respostas, ser coerente em suas argumentações, refletir, enfim, ter uma postura de investigação, o que, sem dúvida, terá repercussões, inclusive, em sua atividade profissional. O ato de aprender a pesquisar pode tornar-se um recurso importante para enriquecer o trabalho do futuro oficial.

Ainda que alguns possam considerar desnecessária a inserção da pesquisa como parte da formação do futuro oficial da Força Aérea, ressalte-se uma afirmação feita por Lüdke e André (1986, p. 2) de que a pesquisa não se constitui atividade realizada em instância “acima da esfera de atividades comuns e correntes do ser humano, sofrendo assim as injunções típicas dessas atividades”. Para essas pesquisadoras é comum, entre alunos e na literatura especializada, uma maneira de entender a pesquisa como sendo reservada a apenas uma categoria de pessoas “eleitas”, e como trabalho realizado em condições isoladas da realidade.

Apesar de não ser privilégio de alguns, os autores destacam que é necessário entender a pesquisa como atividade que demanda habilidades e conhecimentos específicos. Também consideramos que para esta

atividade deve haver seriedade e compromisso, e isso apenas reforça a relevância que lhe atribuímos.

Acompanhar esses trabalhos, cujas temáticas são sempre diversas, possibilita ao orientador a oportunidade de rever sua postura e seus conceitos em relação ao trabalho de pesquisa, estando numa constante capacitação, o que se torna bastante necessário ao considerarmos a provisoriedade de nossos conhecimentos. Aos orientadores, este trabalho também se coloca como desafio, ao menos àqueles que não abandonaram a humildade e não descartaram a idéia de que, principalmente ao profissional docente, as possibilidades para a aprendizagem e para um fazer ainda melhor estão sempre abertas².

Para a instituição de ensino na qual os trabalhos são produzidos, fica a contribuição acadêmica por meio dos conhecimentos construídos que, ao serem lidos e consultados por outros, podem ser redimensionados, criando novas possibilidades de pesquisa, sendo também indicadores da qualidade do trabalho realizado por seus profissionais, ou, nas palavras de Silva (2004, p.19), para a instituição, essa contribuição acadêmica reflete “a qualidade dos cursos que lá se desenvolveram”.

Dessa forma, a importância de que se reveste tal produção é bastante ampla e suscita inúmeras questões e dificuldades.

Apesar de possuímos em nossa instituição de ensino algumas especificidades em termos de formação, sabemos que muitas das dificuldades levantadas aqui também são partilhadas por outros profissionais em diferentes cursos de formação.

Oliveira (2008, p.301), ao relatar sobre seu trabalho de orientação em cursos de graduação e de pós-graduação, aponta que alguns orientandos, mesmo dispondo de informações sobre questões metodológicas referentes à elaboração de um projeto de pesquisa, “encontram dificuldades no momento de sua execução, para entender a lógica de sua construção e articular os seus elementos estruturais”. Também experimentam dificuldades para articular teoria e prática, e ainda para relacionar a abordagem teórica e os procedimentos metodológicos.

Provavelmente nossos leitores poderão fazer relatos semelhantes em muitos outros contextos. Isso significa que muitas das dificuldades que vivenciamos com nossos alunos fazem parte das inquietações de outros profissionais em diferentes âmbitos de ensino; são,

² Não há muitos trabalhos voltados à compreensão de como ocorre o processo de aprendizagem que constitui o orientador de pesquisa. Mazzilli (2008), que vem desenvolvendo um estudo na área, afirma que, apesar de haver muitas teorizações no que diz respeito à formação do professor universitário, não existe a mesma ênfase quando se trata da formação profissional dos orientadores de pesquisa. Para ela, as funções de professor, pesquisador e orientador, apesar de possuírem uma mesma natureza, têm diferentes especificidades, portanto a função de orientador requer maiores estudos para que seja mais bem compreendida.

portanto, inquietações compartilhadas, as quais, longe de amenizar nossas questões, colocam outros pontos para reflexão.

Existem muitos materiais e orientações referentes à realização dos projetos e trabalhos de pesquisa, como roteiros, procedimentos e instruções. Entretanto, fazer pesquisa não se restringe, nem de longe, a questões pontuais e técnicas, pois a atividade de investigação requer envolvimento, emoção, desejo, compromisso.

Não se pode negar que muitos dos que desenvolvem suas pesquisas o fazem “como rotina, como carreira, para manter emprego, para contar em avaliações externas (no mais das vezes, estéreis do ponto de vista da ciência propriamente dita)” (GATTI, 2008, p. 7). Se a pesquisa se configurar apenas como a execução de algo obrigatório, terá perdido seu sentido, e pouca diferença fará manter-se ou não num currículo de formação. E aí poderemos perguntar: monografias para quê?

A pesquisa não pode ter um caráter utilitarista, nem servir apenas para legitimar certos procedimentos, ou ainda, para justificar a adequação de determinados modos de pensar sobre algo – ela deve visar à construção de um conhecimento que seja proveitoso para o pesquisador e também para a estrutura social; deve ser vista como contribuição à ciência e ao ensino e, por que não dizer, para uma vida mais humana e de maior qualidade.

Para que o trabalho de produção científica seja viável é importante que a organização de ensino na qual ele ocorre valorize esse tipo de prática. A cultura organizacional e seus membros precisam dar destaque ao processo de construção de novos conhecimentos; é necessário ter questões que se queiram responder e pesquisar; é necessário compreender a relevância da pesquisa e suas contribuições para a formação profissional.

Nesse contexto, torna-se importante dar valor à dúvida; reconhecer que os conhecimentos produzidos são sempre provisórios e requerem constantes redimensionamentos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES... MAS NÃO FINAIS

No campo da formação de professores e da aprendizagem, sabe-se hoje que os alunos aprendem com seus professores muito mais do que os conteúdos de ensino de uma disciplina em particular, aprendem suas posturas, seu modo de ser e de fazer. Isto sugere que uma postura investigativa e de valorização do trabalho de pesquisa por parte do docente e o reflexo disso em seu modo de ser e de atuar em sala de aula são decisivos para o valor que o aluno atribui a essas atividades. Como e quanto

temos, enquanto docentes/orientadores de monografias, valorizado essa tarefa? Essa é uma questão que se coloca de modo imperativo e não podemos minimizá-la.

Ainda no campo da formação docente, é inegável a importância do aprender a pesquisar, e muitas investigações têm sido empreendidas nessa direção, na tentativa de fortalecer ações nesse campo.

Isso nos sugere pensar o quanto a nossa cultura organizacional tem valorizado e promovido espaços e tempos para o trabalho de investigação, compreendendo que isto requer adequações e, algumas vezes, mudanças de foco.

Ao vislumbrar melhores perspectivas para as monografias, consideramos a necessidade de promover discussões, mais amplas e articuladas, nas quais os projetos de pesquisa relacionados às monografias e seu encaminhamento sejam discutidos em diferentes momentos da produção do trabalho, colocando mais interlocutores nessa discussão e não apenas orientador e orientando. Isso tende a enriquecer a construção do trabalho e a favorecer a percepção de que essa construção é gradual e requer constantes (re)ajustes. Não se produz pesquisa e nem conhecimento de um dia para o outro.

É necessário fortalecer e institucionalizar um programa de pesquisa, viabilizando a alunos e a professores a participação em grupos de estudo e de pesquisa, nos quais os trabalhos em andamento possam ser discutidos e problematizados, possibilitando o domínio (principalmente àqueles menos experimentados nesse tipo de atividade) do processo de investigação. E, a partir daí, incentivar a produção e a publicação científicas.

Assim:

a formação de [...] ‘mentes pesquisantes/pensantes’ tem de estar integrada a uma vocação institucional, a uma cultura institucional e de grupos que busquem e valorizem a construção de novos conhecimentos. Além de tempos adequados, precisamos de uma cultura de ‘curiosidade autêntica, de dúvida permanente’, de consciência dos limites do que se estrutura como conhecimento’, uma cultura de busca continuada de compreensões sobre nosso dinâmico mundo. (GATTI, 2008, p. 9)

Ainda, poderíamos perguntar: por que centrar a aprendizagem de uma profissão apenas nas aulas que compõem o currículo de um curso? Será que a aprendizagem do aluno se efetiva por meio da quantidade de aulas que “recebe”? Demo (2008, p.69) fala de um currículo extensivo dominante nas instituições escolares e que “serve para repassar o conteúdo previsto no semestre em cada matéria, através de um número de aulas [...] como se o aluno aprendesse mais, escutando mais aulas”.

Talvez seja oportuno começar a pensar também nesse aspecto. Não será o momento de revermos o modo como temos construído nossas aulas? Não serão, mesmo,

apenas ‘nossas’ e não ‘dos alunos’? Porém, esse é outro ponto a ser problematizado e requer um espaço próprio, pois não é nossa intenção fazê-lo aqui.

Entretanto, faz-se urgente pensar que não apenas no exercício da pesquisa, mas da própria ação docente, requer-se uma postura crítica que, conforme apontado por Rios (2005, p.50 e 51) é uma atitude humilde, pois reconhece os limites existentes nas situações vividas no cotidiano e, por esta razão, busca o que ainda está por ser conhecido, além de ser também corajosa, porque é uma atitude provocadora e, sendo assim, “sempre tende a enfrentar perigos, ameaças. O olhar crítico desvenda, aponta coisas que podem incomodar, desinstalar, exigir mudanças para as quais muitas vezes não se está preparado”.

Também vemos no estágio uma possibilidade para a realização das monografias, pois, a partir das situações vivenciadas e observadas, podem ser produzidas questões que permitam compreender ou, ao menos, problematizar situações observadas. Não vemos de modo desarticulado os conhecimentos trabalhados em sala de aula (nas diferentes áreas do conhecimento), as situações vivenciadas no estágio e o fazer pesquisa (por meio dos trabalhos de monografia). A riqueza está justamente nesse encontro que nem sempre é promovido e percebido.

E mais, entendemos que este é um trabalho de todos, já que, no ensino superior, potencialmente, todos deveriam estar preparados para o ensino da pesquisa.

Enquanto vimos tentando problematizar um pouco desta questão, imaginamos que cada leitor já deva ter produzido internamente, diante de nossas reflexões, sua própria resposta, uma concordância ou uma objeção, enfim, algum tipo de participação, afinal isso caracteriza o processo da linguagem. Ao ler um texto, os sentidos produzidos são sempre múltiplos, e múltiplos os efeitos advindos dessa leitura.

Não temos para o problema levantado uma solução pronta, mesmo porque esta não é nossa pretensão; entretanto, sabemos que múltiplos fatores produzirão múltiplos sentidos para o que está colocado neste artigo. Esperamos apenas ter contribuído para instigar um pouco mais nossa capacidade de pensar diante das questões postas e que habitam nosso cotidiano, gerando tantas e tantas vezes, dúvidas, incertezas, inconformidades e insatisfações. Afinal, como afirma Gatti,

[...] com a corrida temporal da produtividade, cria-se um espectro reducionista dos significados dos processos educacionais e culturais, comprometendo também o sentido da atividade científica, reduzindo-a a produtos, no mais das vezes, fragmentários, alijando de sua consubstanciação os processos de pensar – refletir, duvidar, contrapor, reconstruir, construir – numa temporalidade que não é a da fábrica. (GATTI, 2008, p. 9)

De quanto e de que tipo de tempo estamos dispendo para realizar as nossas próprias pesquisas ou para orientar as de nossos alunos?

Nossa intenção é a de que deste pensar sobre os trabalhos de monografia possam derivar outros questionamentos que também digam respeito ao nosso cotidiano e ao nosso fazer em sala de aula. Freire (1999) conseguiu expressar com muita propriedade a articulação entre a pesquisa e o ensino – difícil pensar e problematizar um aspecto sem fazê-lo com o outro, afinal

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1999, p.32)

Queremos pensar na pesquisa como possuidora de um caráter científico e educativo. Dessa perspectiva, a sua contribuição deve estar não apenas no campo da metodologia e epistemologia, mas também no campo do saber pensar. É pesquisando (entendendo-se neste momento não apenas a pesquisa como trabalho de conclusão de curso ou monográfica) que “o aluno, ao final das contas, aprende a ler, enfrentar teorias e polêmicas, argumentar e contra-argumentar, fundamentar, elaborar texto próprio”. (DEMO, 2008, p. 94)

E, se em nosso contexto de formação de futuros oficiais militares a pergunta “monografias para quê?” ainda continuar insistindo... então, precisamos começar a nos colocar outras indagações, pois esta será absolutamente secundária.

Acreditamos, assim, nas possibilidades para que essa prática vá, progressivamente, fazendo parte do cenário de formação dos cadetes da AFA e que os temas investigados por eles possam contribuir para levantar e divulgar novas e relevantes questões no cenário da Força Aérea.

REFERÊNCIAS

CARLINO, E. P. A contribuição da atividade de pesquisa para a formação do futuro oficial da Força Aérea. I Encontro Pedagógico do Ensino Superior Militar (I EPESM), 2009, Resende, RJ. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com_docman&Itemid=60>.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, P. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**. Porto alegre: Mediação, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GATTI, B. A. Prefácio. In: BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Orgs.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAZZILLI, S. Aprendendo e ensinando a ser pesquisador: o papel do orientador. In: XIV ENDIPE: Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.1-17. CD-ROM

OLIVEIRA, I. A. Projetos de iniciação científica no campo educacional. In: BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Orgs.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

SILVA, A. L. R. **Monografia fácil: ferramentas e exercícios**. São Paulo: DVS Editora, 2004.